

Am J. Cornelius de Leen

PARANA—BRAZIL.



Fundadores :

Anno II

*Dario Vellozo,
Silveira Netto, Julio Pernetta,
Antonio Braga.*

19.º Fasciculo

O CENACULO

Redacção :

Dario Vellozo e Julio Pernetta

Summula :

	PAGES.
I CARLOS GOMES, de João Itiberê	97
II A VIDA, de Antonio Braga	100
III PARA O MYSTERIO, de Dario Vellozo	101
IV O CORVO, de Leconte de Lisle (Traducção)	104
V DENTRO DE UM SONHO, de Julio Pernetta.	117
VI CARRO DE BOIS, de Leoncio Correia.	120
VII LES "ESQUIFES", de Jean Itiberé.	121
VIII CANTILENAS, de Julio Pernetta	123
IX JERUZALEM, de Pierre Loti.	124
X IDEAL POZITIVISTA, de Euclides Plaisant	128
XI RESPIGAS	128

Tomo III

Outubro de 1896

—N.º 4

— CORITIBA —

CARLOS GOMES

Em 1839, a 14 de Junho, nasceo, em Campinas, Antonio Carlos Gomes, filho legitimo de Manoel José Gomes e de D. Fabiana Jaguary Gomes, terceira esposa deste e da qual teve oito filhos. Cazou-se o pae de Carlos Gomes pela quarta vez, (o que faz lembrar, sem malicia, a legenda do Barba-Azul), e constituiu uma prole de 25 filhos !

Como quasi sempre acontece a todo o artista, foi a sua vocação contrariada pela propria familia, apesar de Manoel Gomes, seo pae, ser professor de muzica. Luctou elle contra todos os preconceitos que cerceam as azas dos filhos do ideal, dos amantes do bello.

Um muzico !!... eis o grito sarcastico que explode dos labios da burguezia materialisada !

Um muzico !!... um ente nullo, um louco, um rabiscador de pentagrammas !

Nobres paes ! Quantas fingidas condolencias não suscitou a loucura do rapaz !

Ser muzico !!

Energico revoltou-se o artista contra aquelles que tentavam arrancar-lhe do cerebro a santa chimera.

Bem dita a hora dessa justa rebelião que deo ao Brazil um genio que illustrou o nome patrio, percorrendo triumphante o mundo civilisado nas azas da harmonia.

Carlos Gomes principiou seos estudos no Conservatorio do Rio, em 1859. Ahi compoz a *Cantata, uma hora no Calvario*; a sua primeira opera *A Noite do Castello* e uma outra, *Joanna de Flandres*. Desde logo revelou talento robusto, apesar de faltar-lhe ainda originalidade artistica, um certo *que* pessoal que é o cunho dos grandes genios.

Tendo obtido uma pensão do Estado embarcou para Milão em 1864 e lá estudou sob a direcção do grande maestro Lauro Rossi.

Compoz em 66, para o theatro Fossati, dessa cidade, a revista *Se Saminga* e em 68, para o theatro Cercano, a revista *Nella Luna*. Ambas obtiveram um franco successo e percorreram quasi toda a Italia.

Em 1870, a 19 de Março, estreiou no *Scala* de Milão com o *Guarany*.

Esta opera obteve um successo ruidoso, abrindo a Carlos Gomes as portas da immortalidade.

Com outras operas encetou ella a grande reforma lyrico-muzical que devia varrer para o esquecimento as producções de infantil singeleza, melodiosas até á limpidez ; a muzica dos regatos crystallinos, dos trinados dos canarios, das plangentes melopeas — as delicias dos nossos avós — desappareciam, consumidas do langor extatico dos phtysicos.

Surgio a muzica grandiosa das nossas florestas ; surgio a muzica torrentosa dos nossos rios ; o Amazonas absorveo o Tibre ; surgiram as harmonias eternas e solidas como a materia ; sonoras, meigas, caprichosas, travessas, bravias, scientificas emfim.

Foi uma derrota inflingida á placidez antiga pela bellicosidade moderna, e, é de lastimar que, tendo sido Carlos Gomes um dos primeiros campeões nessa luta de Titans, mostrasse menos vigor que Meyerbeer, Verdi, Gounod, Boito, Massenet, Saint-Saëns e Wagner. Apezar disso o *Guarany* é e será comparado aos *Huguenotes*, ao *Fausto*, á *Aida*, á *Africana*, ao *Propheta*, ao *Rei de Lehore*, ao *Mephistopheles*, á *Dalila*, ao *Lohengrin*, ao *Tanhauser*, ao *Varsival*, uma das mais bellas creações muzicaes do espirito humano, e terá as honras de primasia na gigantesca evolução da arte muzical.

No dia seguinte á estreia do *Guarany* recebeo Carlos Gomes, do seo insigne professor Lauro Rossi, a carta que transcrevo do *Jornal do Brazil* :

« Meo charo discipulo, já maestro. — Dizer-te o orgulho de
« que me sinto possuido é impossivel e é inutil. Posso te
« afiançar apenas uma cousa : até hoje não me consta que ma-
« estro algum, nas tuas circumstancias, ganhasse victoria igual
« á do *Guarany*.

« Encho-me de gloria e aperto-te em meos braços, feliz
« por considerar-me teu collega.

Lauro Rossi.»

Esta carta, por si só mostra o valor que os mestres europeos deram á primeira producção de folego do nosso patricio.

A 2 de Dezembro, anniversario do Imperador D. Pedro II, data escolhida pelo proprio auctor, subio á scena pela primeira vez no Rio de Janeiro o *Guarany*. O enthusiasmo que se apode-rou de todos os assistentes foi delirante.

O primitivo preludio desta opera foi por Carlos Gomes modificado em 1871, escrevendo a admiravel symphonia que todos conhecem e que é a synthese de toda a opera. Nella mostrou o grande compositor certas tendencias wagnerianas, seguindo por intuição as novas theorias evolutivas do grande mestre de Bayrenth, Ricardo Wagner.

Quasi sempre a entrada de *Pery*, é precedida do thema guerreiro dos Guarany, e o som vibrante das inubias caracteriza maravilhosamente a natureza altiva e bellicosa dos primitivos brasileiros, encarnada na dedicação, no amor e na bravura de *Pery*.

Os papeis de *Cecilia*, de *D. Antonio* e de *D. Alvaro* são admiraveis. *A Ave Maria*, do primeiro acto, é uma verdadeira obra-prima, de uma religiosidade intensa e supersticiosa, como devia ter sido a religião dos primeiros colonisadores de Santa-Cruz.

Infelizmente a *Canção dos Aventureiros* é um ponto negro na opera, pela trivialidade boleariana do motivo. Em compensação quanta originalidade, quanta phantasia delicada, quanto achado verdadeiro de harmonisação e de melodias, quantos rhythmos scintillantes, caprichosos, audaciosos mesmo, nas scenas de bailado. Ahi Carlos Gomes revela toda a sua originalidade brasileira: E' o sussurro das nossas florestas, a queda turbulenta das nossas agoas, o chilrear dos nossos passaros; é toda a nossa natureza que se impregna em a muzica, dando-nos as sensações da terra americana.

Todos os bailados de Carlos Gomes são poemas brasileiros, falam a lingoagem indigena, a lingoagem patria.

Os bailados do *Schiavo* são typicos: os rhythmos extranhos, o phraseado selvagem, o todo brusco e energico revela ao ouvido, e o ouvido transmite á imaginação scenas locaes, scenas indigenas, ás quaes assistiríamos de facto no nosso theatro cerebral sem o auxilio da representação choreographica.

Carlos Gomes é extraordinario nos seus *Ballabili*, genero em que prima o seu verdadeiro talento.

As suas descripções muzicaes da *Aurora brasileira*, como a do *Schiavo*, como a do *Côndor*, são paginas que nos dão indefiniveis sensações de amor e de mysterio.

Sinto bastante que os limites deste artigo não me permittam
analyzer a obra dramatico-muzical do nosso primeiro maestro.
Limito-me a citar os operas que se seguiram ao *Guarany* :

Fosca,
Salvator Rosa,
Maria Tudor,
Schiavo, e o
Côndor.

Carlos Gomes em todas, com poucas variantes, mostrou-se
sempre o auctor do *Guarany*, o extraordinario evocador do amor
e da magnanimidade indigenas.

JOÃO ITIBERÊ

Coritiba, 2—10—96.



A VIDA

Sei que se soffre, sei que se agoniza
E sei que a Caridade é uma mentira !
—A Dôr não mente, a Dôr que se eterniza
Pela sangrenta chaga de uma Lyra...

Exageras, porem. Ella horroriza,
Masca, tortura, esmaga... mas te inspira.
Vencido, sim ; Vencido que analyza
As pompas vans na febre em que delira !

Cadaver, não. Não o será quem canta,
Ou chora e geme, ou cae e se levanta,
Luctando em agonias que não mentem !

Cadaver, não. Não pode ser gelado
O peito que ainda sente, apunhalado,
A mesma Dôr que os outros homens sentem !

ANTONIO BRAGA.

PARA O MYSTERIO...

A EMILIANO PERNETTA.

Esta pagina,—tortuosa e mediocre embora,—
é o testemunho de uma homenagem á memoria
daquelle extraordinario Incomprehendido,—VER-
LAINE—que o Sr. tão fulgurantemente interpreta,
e eu tanto venero. Aceite-a :—E' o *ramo de oli-
veira* de prónuba afinidade espiritual.

Os olhos, como dous soes de legenda, fluctuando, ao sabor de um sonho, na celagem bizarra de crepusculo de Agonia e Saudade ; os labios, tremulos e violaceos, rhythmando o balucio manso das preces ouvidas ao nascer ; o rosto, de um severo soturno, abrindo, por vezes, na expressão angelica o lotus da Piedade e da Innocencia : — eil-o, o Romeiro sublime, — o Penitente divino, — a veste andrajosa rutilando como a purpura de um Cezar ; os pés tropegos ferindo plangencias de marcha-funebre ; o coração a scintillar-lhe extranhamente ao peito ; — eil-o, — o Maldicto, — o magnanimo Vencido, — atirando á parvoice humana o escarneo de sua miseria, nullificando a mediocridade com o exotismo de suas ideas, — nas mãos niveas de Sacerdote impeccavel a patena gloriosa da Arte !...

—Salve, Mestre !

E o peregrino passa, constricto e meigo, um cilicio a roer-lhe a Alma, — cumprindo ritualmente a penitencia de seos dias de flagellação e supplicio !... Passa... a veste andrajosa rutilando como a purpura de um Cezar !...

Que lhe importa o Pariz que o odeia ? Que lhe importa o Pariz que o vitupera ? Que lhe importa o Pariz que se morre de não o ter ensandecido ?... Para elles a sua grande compaixão de Fatigado que comprehende a Vida, a sua extrema indulgencia de Eскурçado que conhece a Miséria.

Os phariseos do Talento, — os que mercadejam a Arte, — os que a envillecem, — deixa que te abominem !... Conserva-a tu immaculada ; conserva-a tu impeccavel !... Urzes te sangram as plantas ?... Que importa ? !... As urzes são a sensitiva

do Deserto... E o Deserto é a patria do anachoreta... Aos outros as ferraduras do reclamo ; a ti as lancinancias do martyrio !

—Salve, Mestre !...

E passou, alheio e vago, — como o poeta de Vigny, — encerrado em a torre de marfim e de ouro de seo Ideal superno, — a Alma em extasis, — na ebriedade do Mysticismo e da Luz, — levando a Templos e Hospitaes o desalento de sua paixão, as ferocidades de seo idealismo, de sua volupia insatisfeita, de sua nevrose cruel, — para que a virgem das Dôres, e a Immaculada Conceição se apiedassem de seo desespero, se apiedassem de sua humildade, — e o quizessem como as queria, — muito, muito, abrazadoramente, — a elle, que era um Reprobo ; a elle, que era um Maldicto ; a elle, que era um Revoltado da sordicia humana !...

Ia para o Alem... ia para o Mysterio... rebuscando em cathedraes vetustas a formula de um philtro, o «*Sezamo, abre-te !*» de um desejo !...

—«Virgem deliciosa e casta, os teos olhos dizem mysterios ; os teos labios negam caricias... O avelludado de tuas faces tem a volupia de um perfume, o azul de tuas pupillas e melopea cantante dos labios de Sulamita... Senhora de minhas preces, Dama de meos galanteios, — Impossivel de minha vontade, — abre-me o hostiario de teo sorriso, dá-me o calice de tua bocca, a flôr de sangue de teo coração immarcescivel !... Piedade, Virgem ; Dama, piedade !... Eu sou como um peregrino do Alem, que atravessasse da Existencia o Josaphat nostalgico e vasio, arrastando o coração por entre sarças de fogo !... Eu sou como um monge sacrilego que se tivesse ido pelejar por terras longinquas, — cavalleiro da Cruz, — e regressasse captivo de uns olhos de sarracena, idealizada atravez o tumulto de cem batalhas, no paiz da guzla e da Mourisma !... Venho de longe, Senhora ; fui alma de astrologo-therapeuta que se deixava ficar dias e dias contemplando o crystallino de um philtro, e, á noite, erguia os olhos ao ceo estrellejado, architecturando formulas extranhas, interpretando symbolos... Hoje, a minha Alma é a essencia de um poeta que não crê nos homens, porque não sanciona o Egoismo, e vaga de templo em templo, reconstruindo edades mortas, crenças perdidas, sombras extinctas ; buscando, á luz, das lampadas merencorias, a restea de uma esperanza que se evolou da Terra e não se encontrará no Ceo...

«Virgem deliciosa e casta, que os teos labios sagrem a minha tristeza ; que as tuas mãos firam no meo plectro a alleluia de minha resurreição !... Piedade, Senhora ; piedade !...»

A egreja, como austera necropole de religião exhausta, era silente e sombria. Pelos altares, pelas columnatas, roçando os arabescos e o baixo-relêvo, a aza mortuaria da Penumbra riscava effigies satanicas, como se o Genio da Ironia e do Sarcasmo entrasse os templos desertos para cingir a Crença em um roza-rio de caricaturas...

O poeta ajoelhou, solenne e tragico.

—«Virgem, Virgem, piedade !» balbuciou ainda. E as palpebras se lhe cerraram para todo sempre.

Coritiba, 5 de Outubro de 1896.

DARIO VELLOZO.

(Para os «CREPES»).



O CORVO

POEMA

DE

LECONTE DE LISLE

(Tradução em prosa)

Serapião, abbade dos onze mosteiros
D'Arsinoë, sujeito ás trez regras austeras,
Sob Valens, imperador dos paizes do Oriente,
Passeava, uma noite, meditando e rezando,
Silencioso, ao longo das baixas arcadas do claustro.
O sol posto deixava as sombras crescerem
Do seio dos oasis e nas desertas areias ;
Os astros acordavam no azul escuro dos ares ;
E, não fosse, ás vezes, do fundo das solidões,
Alguns rugidos de leão, rudos e breves,
Em torno ao mosteiro, silencio absoluto ;
E no céu a vasta noite se ampliava.

O abbade Serapião caminhava a passos lentos,
Fazendo soar o couro de suas sandalias sobre as pedras,
Ancioso do Edicto imperial que se tornava
O negro terror dos servidores do céu,
Ordenando de alistar, em subitas legiões,
Cem mil cenobitas para a guerra dos Godos.
Visto que nesses tempos aquelles que de todas as partes
Do mundo procuravam o esquecimento do seculo
Em Deos, jovens e velhos vinham para o alto e baixo Egypto
Afim de serem salvos pelas mortificações e preces.
Eis porque o Edicto assignado pelo Imperador
Enchia os conventos de inquietações e terrores ;
E toda carne sangrava sob os duros cilícios
Para implorar Jesus com estes supplicios.
Ora, o abbade sobre isto meditava, o espirito

Turvo de angustia, e rezava pelo seo proscripto rebanho,
Os braços ao ceo alçando e proferindo:—Deos me assista!—
Porem, como se ia, a fronte baixa e a alma entristecida,
Bruscamente nas trevas das arcadas
Eis que sôa uma voz muito rouca e lhe diz :
—Veneravel Senhor, sêde-me piedoso ! —
E o abbade persignou-se pensando ouvir o Diabo,
E nada vio, o clautro estando aliás em trevas.
A voz sinistra disse : — Já vi tempos melhores ;
Fiz soberbos festins ! E hoje, por uma fera lei,
A fome atroz sem trêgoas me persegue ;
Ora, senhor piedoso, não vos mostreis assombrado,
Eu já era mui velho quando nasceo Abraham

—Em nome do rei Jesus, demonio ou creatura
Que me imploras com esta extranha impostura,
Quem quer que sejas emfim que de tal modo falas,
Vem ! diz o Abbade.— Senhor, diz o outro, eis-me.—
E sobre a balaustrada, logo, diante de Serapião,
Corpo enorme cahio pezadamente,
Uma ave rude e feia, a aza semi-aberta,
E cujo olhar ardia no claustro silencioso.
O Abbade vio um corvo de uma especie gigante.
A idade tinha torcido a ponta do seo rude bico,
E o corpo em varios logares depennado
Parecia de magror horrendo consumido.
Certo, a fé do monge era viva e robusta ;
Elle sabia que a graça é trincheira do justo ;
Mas, não tendo tido nunca uma visão igual,
Sentio-se estremecer em esta occasião.
E os olhos do Corvo as trevas allumiavam,
Emquanto as azas funebres batia.

Disse-lhe Serapião :—Se teo nome é Satan,
Demonio, cão, reprobó, eu te amaldiçôo ! Vae-te !
Pela virtude de Christo, o redemptor das almas,
Eu te mando : recaias nas eternas chammas !
E isto dizendo fez um lento signal da cruz.
—Eu não sou, santo abbade, aquelle que tu julgas,
Disse a ave negra, rindo de um sombrio riso máo ;
Não gastes pois teo tempo em amaldiçoar-me.
Eu nasci corvo, Mestre, e tal qual aqui estou,
Porem ha muitos seculos e seculos.

A fome roe-me, quero da tua piedade
Algum pouco de carne magra se não tens gorda,
Em troca, Senhor Monge, eu dir-te-ei como
Eu possuo um supremo cordial para o teu mal secreto.

—Nós jamais tocamos, conforme nossas santas regras,
Na comida dos lobos, dos corvos e das aguias,
Disse o Abbade. Procuras, se desejas carne
Nos campos de batalha onde o Inferno impera.

Aqui para matar-te a fome e as fadigas,
Encontrarás somente negro pão e duros figos.

—Seja! disse a velha Ave, eu não sou guloso;
E todo o alimento é bom para o mendigo
Que um duro jejum roe e persegue há tantos séculos.

—Segue-me então, diz o Abbade, até a minha cella.—
E o Corvo do convite contentíssimo,
Seguiu Serapião nos negros corredores.

—

Depois de devorar pão duro e figos seccos,
O Corvo saccudio como um feixe de flechas
As plumas de seu dorso magro, e, os olhos cerrando,
Pareceu esquecer o monge pensativo.

Este, braços cruzados, em o burel grosseiro,
Olhava fixamente a ave carniceira,

E murmurava:—Jesus! desmanchei, ó Senhor,
Os embustes do Diabo contra a honra minha!

Anjos Santos! isto tudo não é cousa ordinaria.

Que me quer esta Ave centenaria mil vezes?

Vivente algum recebo hospede tão singular.

Abriga-me, Senhor, debaixo de vosso escudo! —

O Corvo, de repente disse-lhe com forte voz:

—Eu não durmo, assim como havias pensado,

Venerando Rabbino; sonhava no passado,

Conjecturando de que seriam as almas feitas

Conheci, em seu tempo, os antigos prophetas,

Que, certo, o ignoravam.—Fala sem blasphemar!

Diz o Monge, ou o Inferno te consuma!

Que te importa, vil carne, inerte podridão,

Que breve voltarás para a cega natureza

Com a argilla e a agoa das chuvas e dos ventos,

Sombra van, indifferente aos olhos do Deus vivo,

A ti que só és lodo antes de ser poeira,

O Reino onde estão os Santos em plena luz etherea ?
O leão, o corvo, a aguia, o asno e o cão,
Na morte o que é isto tudo, senão nada ? —

— Senhor, responde o Corvo, vos falaes como homem
Certo de se accordar depois do ultimo somno ;
Mas eu vi muitos Reis e muitissimos povos
Que não iam da vida á morte com vontade.
Na verdade essa gente parecia pouco certa
De sair promptamente de seos negros sepulchros.
De mais, saibei-l'ó, eu comi muitos,
E suas almas tambem, mestre, de uma só vez.
— Vil pagão, diz o Abbade, quando a carne insensivel
Morre, a alma para o ceo abre a invizivel aza.
De sua graça, portanto, Deos não te munio
Para vêr o que os Santos e os Anjos já têm visto :
Os espiritos, no azul, como tantas pombas
Irrompendo das tumbas para os eternos soes !
E esta é a verdade. — Para mim, diz o corvo,
Duvido muito, não tendo recebido essas luzes.
Assim seja ! portanto, se a cousa é tão notoria.
Porem se vos apraz ouvir a minha historia,
Senhor, e me assistir em minha confissão ?
Tenho esta noite grande necessidade de uma absolvição.
— Escuto, disse o monge. Feliz é quem se humilha,
Porque o arrependimento nos lava e nos desliga,
E o coração dos Anjos se alegra lá nos céos !
— Vou remontar mui alto, mestre, sou mui velho :

Nesse tempo, Senhor Abbade, as agoas solitarias
Tinham destruido a raça humana com a terra,
E, pelos picos altos das montanhas todas
Tinham alçado ao ceo suas espumas e limo.
Foi o dia derradeiro dos reis e dos imperios
Antigos. Não vos posso dizer se eram elles
Melhores ou peiores do que estes, o ignoro.
Suas virtudes e seos defeitos pouco importam
De resto, visto que todos elles já são mortos.
— Eram elles perversos, disse o monge, e o seo Juiz
Mui justamente os submergio pelo Diluvio.
Era um impio mundo onde o Diabo fizera
A mulher seduzir os Anjos do Senhor.

— Concorde, diz o Corvo, nada tenho com isso,
Porque aquelle que o fez o fizesse melhor.
O caso é que Deos delle logo se livrou.
O mundo antigo, Senhor, estando morto,
A arca immensa vogava havia quarenta auroras,
E o oceano sem fim, batendo seos sonoros flancos,
Na bruma dos ceos pesadamente balançava
Aquillo que escapára á medonha hecatombe.
Lá estava eu no meio das especies innumeras,
A minha hora esperando, immovel na penumbra.
Um dia, tendo exgottado os seos vastos depositos,
As torrentes exhaustas não tombaram mais ;
O sol resplandeceo ao oriente da arca ;
O abysmo diminuiu ;—Vae ! me disse o Patriarcha,
E se alguma montanha emerge sobre os mares,
Conta-nos que Iavèh perdôa ao universo.—
Alei-me, feliz, fugindo a grandes vòos,
Num deslizar audaz sobre a agua universal ;
E depois nada sei, não tendo mais voltado,
Da sorte que levou o negro barco do homem.
—Foi isso, disse o Monge, uma acção mui perversa.
—Senhor, tornou o Corvo, não vos desagrade isto,
Gostava de viajar na minha mocidade,
Respirava melhor o ar livre do que em prisão.

Breve, Rabbino, eu vi os cumes verdes
Que fumegavam ao sol cobertos de sargaços ;
E vim empoleirar-me em um grande cedro negro,
De onde eu dominava o espaço e melhor via.
E lá esperei trez dias e trez noites inteiras.
E o sol ainda espalhou os seos raios,
E notei que o mar, retomando o seo nivel,
Deixava resurgir um universo novo,
Porem morto e manchado das escumas marinhas,
E como que erriçado de medonhas ruinas.
Em baixo da montanha onde eu tinha ficado
Dormia no vapor uma cidade enorme,
Os muros de terra rubra dispostos em terraços
E construidos pelos fortes braços das velhas raças.
Desabados sob o peso das ondas gigantescas,
Estes muros abalroaram os palacios tombados
Onde os sargaços viscosos, cheios de conchas,
Pendiam ao longo dos telhados como negras folhagens,

E cahiam em blocos confusos atravez dos tectos
Em espiraes espessas enlaçados em torno aos fustes
Fazendo vastos mantos de limo e de lodo
Aos gigantes cadaveres dos Reis, filhos dos Anjos.
E avistei dous, Senhor Abbade, em pé ainda
Sobre um throno, unidos com cadeias de ouro:
Um homem de soberba fronte e de alta estatura,
Que abraçava em seos braços nervosos, qual cintura,
O seio de uma deosa de olhos bellos
Que parecia contemplar seo glorioso amante ;
E li sobre a sua bocca, entreaberta e fria,
Toda a ventura de morrer enlaçada em taes braços.
Elle, a cabeça firme, surpreso porem não vencido,
E sem medo da morte como até alli vivera,
Havia salvo tudo deste commum naufragio,
Sua belleza, seo orgulho, sua força e sua coragem.
Em torno a cidade muda jazia um lago
Onde o sinistro sol com horror reluzia,
Abysmo de lodo, repleto de animaes enormes
Mostrando inertes seos ventres e cabeças putrefactas.
Ursos, lagartos collossaes, elephantes immensos,
Semi-submergidos pelas ondas suffocantes;
Aguias enormes fatigadas de pairar nos ares
E de não encontrar os montes conhecidos,
Touros abrindo ainda as ventas convulsivas
Leviathans surpresos pela fuga das agoas,
Todos os velhos habitantes da terra fecunda
Com o homem enchiam ao longe o lodo immundo ;
Pestiferos vapores carregavam os ventos.
Ora, sabendo que os mortos são pasto dos vivos,
Eu vivi lá, Senhor Abbade, muitos annos,
Mui satisfeito, abençoando os destinos
E o abundante trabalho do mar ; porque emfim,
Homem ou corvo, comer é bom quando ha fome.

Passaram annos, annos ; e eu na solidão
Levava os dias numa quietação soberba,
Quando uma noite, do alto de minha arvore habitual,
Eu vi o Oriente todo em chammass,
E, num turbilhão de esplendores desconhecidos,
Um gigante fantasma que vinha pelas nuvens ;
Suas azas poderosas palpitavam nos ares ;
Seos cabellos fulguravam pelos ceos attonitos ;

E, os braços estendendo, com um sôpro potente
Dissipava os vapores que pezavam sobre o mundo ;
Aos limpidos clarões de seos olhos azues
Tornavam-se as agoas limpidas nos charcos impuros,
Renasciam os arbustos cheios de rubras flores ;
Os montes fumegavam, fogueiras dos despojos humanos :
E, brotando dos rochedos onde os germens jaziam,
Os rios poderosos rolavam suas ondas,
A frescura espalhando nos aridos valles
Ainda quentes das salgadas escumas dos mares.
E o espaço girou a meos olhos, santo Abbade !
E tombei como um morto ao pé do negro cedro.

Quem sabe o que durou este somno sem tregoa ?
Mas o que é o tempo senão a sombra de um sonho ?
Quando eu acordei, após alguns seculos,
Foi na sombra espessa de illimitada floresta.
Tudo havia desaparecido : a cidade e suas ruinas
Soberbas tinha se feito pó sob as verduras ;
E como eu voasse acima das folhagens verdes,
Vi que o homem tinha reconquistado o universo.
Meos ouvidos ouviram clamores ferozes
Que partiam de todos os pontos do horizonte
E, do norte ao sul, de léste ao occidente,
As novas gerações com furor se batiam,
Durante dias e noites, no rude entrechocar
Das feras luctas. As flechas sibilavam,
As massas, como fructos maduros,
Partiam as fontes dos guerreiros ;
As mulheres, os velhos no pó ensanguentados,
E creanças sobre pedras esmagadas,
Attestavam que as agoas do Diluvio recente
Tinham purificado o mundo renascente !
Ah ! ah ! as lividas carnes das raças victimadas
Pelos corvos e pelas aguias assaltadas
Exhalavam o seo perfume pelos ceos radiosos
Como um grande holocausto offerto aos novos Deoses !
— Não te alegres, demonio, escoria dos infernos !
Disse o monge. Tu não podeste vêr maldito,
Pelo odio e pela inveja cego, no antigo mundo
Senão as obras do mal, e não do bem,
E neste só vias, ó Corvo inexoravel
A pobre humanidade pelos olhos do Diabo !

—Ae! Senhor santo, eu creio e por mais que reflecta
Que o homem sempre teve sede do proprio sangue,
Como eu tenho o desejo de sua carne viva ou morta!
E' um gosto natural que nós ambos trazemos
E que nos satisfaz os votos plenamente.
Nada póde nisto o Diabo e nem tão pouco Deos;
E eu estimo não mais, sem inveja e sem odio,
Essas cousas da morte assim como as da vida.
Sinceramente, Abbade, eis os meos sentimentos,
E se eu me ri, Senhor, foi innocentemente. —
— Rei dos Anjos, Senhor Jesus, divino Mestre,
Disse o Monje, atae a lingua deste traidor!
Pois tanto elle blasphema e sem piedade zomba.
— Piedoso Abbade, não vos irriteis tanto:
Lembrae-vos que eu sendo uma carne sem alma,
Não posso merecer louvores nem censuras;
E que, se eu me calar, vós levareis amanha
Cem mil monges armados de lanças e cimeiras.
Hão de ser nas batalhas esplendidos guerreiros,
Que verterão um sangue bento á cada golpe,
E mortos, sem mais tardar para os ceos voarão;
Pois que, como dizeis, Rabbi, é isto o essencial.
— Prosegue! diz o Abbade, Deos sem duvida ordena,
De te ouvir para expiar meos enormes peccados.
Fala pois, continua sem mais argumentar,
Porque o tempo da salvação se perde em te escutar.

Mestre, os dias corriam; e eu me tornava velho,
Ebrio do sangue vertido nos campos de batalha,
Sempre robusto e forte como nos idos tempos
Em que a manhan serena nas ondas espalhou-se.
E os homens cresciam, viviam, morriam,
Como os sonhos, como phantasmas vãos
Que o eterno vento dos ceos impassiveis
Varria no olvido e no silencio negros;
E as florestas brotavam e volviam ao lodo,
Os troncos pelo raio espedaçados,
Deixando unicamente areia e pedras
Onde a aurora esparzia os seos humidos prantos.
As cidades construidas em porphyrio e marmor
A meos olhos tombavam em ruinas feitas;
As tempestades varriam as suas cinzas

E a noite do nada os seos nomes destruia
Assim como a lembrança das suas velhas lingoas
E o sentido ignoto das paginas de granito.
Emfim, Senhor Abbade, como um germen mysterioso
Producto dos seculos nascidos, vi muitos Deoses
Chegarem e morrerem ! O mar, o campo, os montes
Davam milhares delles ás visões humanas ;
E se multiplicando nas chammas e no ar,
Uns armados de gladios e outros de tridente,
Jovens, velhos, crueis, indulgentes e bellos,
Talhados no marfim, no marmor, no granito,
Amados, odiados, porem sempre immortaes !
E eis que o tempo os seos altares derruba,
E que o odio irrompe em meio as suas festas,
E que o mundo em revolta os seos prophetas mata,
E que o riso insultante, mais féro do que a morte,
Para o abysmo commum os seos destinos leva ;
E que rolam, desprezados, á sua gloria sobrevivendo,
Deoses banidos, vãos, e mortos para sempre ;
E outros de suas cinzas renasciam, e sempre
Homens e Deoses, todos, os seculos tragavam.

E neste turbilhão de imagens eu vivia, vendo-as
Se desmanchar ao vento das minhas azas rudes,
Calmo, feliz, sem magoas e não reconhecendo
Estes espectro senão ao cheiro de sua carne e sangue.
Vivia, ditoso, em vagabundos vôos,
Pelos cimos do Caucaso e cedros do Carmelo,
Do universo movel habitante eterno
E do banquete immenso immutavel conviva,
Pensando : se tudo morre é para que eu viva !
E vivia ! Ah ! ah ! Senhor Serapião,
Com sua licença, nesses esplendidos seculos
Tão cheios de hecatombes e de gritos de guerra,
Eu não podia prever, no meo viver feliz
Que dias viriam, negros, em que o duro destino,
Me feriria ao começar o meo festim mais bello,
E que eu arrastaria, mais de trezentos annos,
No caminho da fome as descarnadas azas.
Seja este dia maldito entre todos os dias
Passados e futuros. Oh ! funestos desejos !
Maldito seja elle desde a aurora até a noite,
Na sua luz, nas suas trevas, em seo calor, em tudo,

Em todos os viventes que o viram nascer
E no lugubre sol que o allumiou até o fim.
Sim, maldito seja elle e que só permaneça
Delle uma lembrança negra e funestissima,
Que seja, assim como elle, setenta vezes maldita.

O Corvo as plumas erriçando, e tendo dito
Este anathema com violencia extrema,
Guardou alguns momentos um sinistro silencio,
Como ferido de féro desespero e horror.
—Então, o braço do Altissimo recabio sobre ti,
Disse o Monge, para vingar tuas victimas innumeras,
Corvo horrendo, Deos pelos teos crimes castigou-te ?
—Rabbino, disse o Corvo, não seria de justiça
Punir somente acções premeditadas,
A má intenção, e não o simples facto ?
Bem certo, o meo castigo foi de véras injusto,
Visto que eu ignorava, Mestre, e obedecia
A minha natureza, sem zanga e sem excesso.
—O que fizeste ? disse o Monge. Acaba ! A noite
Vae-se e os astros já se perdem pelo espaço.
—Senhor, disse a Ave negra, de terror agitada,
Isto me aconteceu no tempo de Tiberio, imperador.
Um dia em que eu buscava a preza acostumada,
Pairando sobre as cidades da Iduméa,
Forte vento levou-me. Era uma sexta-feira,
Tanto quanto me lembro e já de tardesinha,
Trez forcas avistei sobre uma alta collina,
E trez suppliciados nas cruces, lado a lado.
—Mizericordia ! Disse o Monge, todo em lagrimas,
Era o meo Rei Jesus e os dous ladrões !
—Esta collina, disse o Corvo, dura e nua,
Silentemente se elevava para as nuvens.
O sol poente os céos coloria de rubro,
Vapores espessos nos poeirentos ares
Pezavam fortemente sobre a terra
Como a pedra de granito de um sepulchro.
Era deserta a altura em torno ás cruces
Onde dous dos condemnados á plena voz gritavam
No estertor formidavel da agonia,
Torcendo os magros braços sobre as coxas quebradas.
Mas o terceiro, Mestre, preso á força ensanguentada
Por trez cravos enormes, estava de espinhos coroadado,

Contuso horripelmente e de chagas crivado ;
Este já repouzava das ultimas angustias
Seos braços mortos se allongavam e vergavam os seos joelhos.
Era joven e bello, a sua cabeça ruiva
Dormia mansamente sobre o hombro inclinada,
E brilhando de um sorriso mysterioso,
Sem pezares, sem orgulho e sem nenhuma inquietação,
Sembrava se alegrar no opprobrio e até na morte.
Certo, seja qual fôr o seo nome na terra,
Este, Abbade, não era unicamente um homem,
Pois que de seos cabellos e de toda a sua carne
Irradiava luz e no ar se espalhava
Banhando em seos fulgores pallidos, de opala,
O seo cadaver bello, mudo e claro.
Contemplava-o, não tendo visto nunca cousa igual
Entre os Reis sobre o throno e os Deoses sobre o altar.
—Ó Jesus ! disse o Abbade, as mãos unindo,
Ó fonte augusta das graças infinitas,
Verbo de Deos, Deos vero, unico sol dos ceos,
Redemptor verdadeiro, que tragaste o hysope com o fel,
E que quizeste com sangue das tuas caras chagas
Lavar a ignominia do peccado antigo,
Ó Christo, eras tu ! Christo ! era o teo corpo santo,
Pão dos Anjos que todos os peccados redime,
Teo corpo santo, ó Deos ! substancia e alimento veros,
Com a agoa inexgottavel das tuas chagas !
Era a tua carne, ó rei Jesus ! que lá pendia
Sobre o madeiro santo diante do orbe mudo,
Arvore que Deos rega de seo orvalho
E cujo fructo vivo é a salvação do mundo !
Meo Senhor ! por aquillo que nós te custamos
Gloria in excelsis e para toda eternidade
Dos tempos onde a tua graça nos convida,
Gloria a ti, Jesus-Christo, força, luz e vida ! —

—Amen ! volveo o Corvo. Rabbino, falas bem ;
Porem disto, para o meo mal, nada sabendo,
Mui doudamente o vòo tomo afim, Senhor,
De a fome saciar assim como costume.
—Maldito ! grita o Abbade, os cabellos arrepiados
De espanto, de terror e de ira ; basta !
Santos Anjos ! pois tu então, ave sacrilega,
Ouzaste tocar na carne trez vezes santa ?

Possa eu expiar pelos meos prantos e sangue
Este facto de ouvir falar, ó Christo ! de tal crime !
Este vil comedor de mortos vir pouzar
A garra immunda sobre a cruz eterna !
Profanação medonha ! Senhor Deos !
O inextinguivel Inferno terá fogo bastante
Para queimar este corvo monstruoso e voraz ? —

— Mestre, disse a Ave negra, por favor, acalmae-vos !
Dignae-me escutar até o fim, vos peço.
Eu voei sobre a cruz ; porem, Senhor, foi tudo..
Um espectro luminoso, semelhante áquelle Anjo
Que do mundo varria o lodo impuro,
E cujo olhar me fez cahir inanimado,
Protegeo o Deos morto com seo braço em fogo ;
E, como eu jazia sobre uma pedra dura,
Ouvi-o que dizia com voz grave e lenta,
E estavoz sem pre sòa a meos ouvidos, Monge :
— Já que o Cordeiro santo padeceo para sempre
A indizivel affronta e o supremo opprobrio,
Mais do que o fel amargo e do que a propria morte,
De excitar teo desejo impuro e injurioso ;
Já que tudo acabou-se por tua obra, Corvo !
Tu não comerás mais, ó Ave insaciavel,
Senão apoz trezentos e setenta e sete annos de vida. —
E seo sôpro arrojou-me, como n'um turbilhão
A folha secca e morta é lançada nos ares,
E me atirou, o corpo ensanguentado, a aza dorida,
D'ahi do negro Golgotha para alem da Samaria.
— Este Anjo, disse o Monje, era seguramente
Em tudo isto muito menos severo do que clemente .

— E' um extranho supplicio, um castigo sem nome,
Aquelle de viver do que nos faz morrer !
Como é duro de vêr quando a fome persegue
Os banquetes reaes onde assento não temos,
Errando sem repouso entre a carne abundante
Para multiplicar sem treguas as torturas !
Desde esse dia fatal, ó Mestre, eu jejuei ;
Em vão mordi com o bico, enfurecido
O homem sobre a poeira e os fructos das arvores ;
Um se tornava pedra, outro marmore duro ;
E sempre consumido de angustia e de desejo,

Cubiçando uma preza e o impossivel,
De ceo em ceo passeando a fome inexoravel
Vivi, magro, acabado, triste e miseravel !
Este foi meo suplicio e certo immerecido.
—O castigo foi bom, disse o Monge, irritado.
Arrepende-te e não negues o teo juiz infallivel.
Pois que ! Corvo maldito, devorado não tinhas
Tantos homens de bem, mortos nas feras guerras ?
Bem podias jejuar esses trezentos annos !
—Não é assim que se larga o inveterado habito
Sem que seja essa prova rude, disse o Corvo ;
E se deixasses vós de comer sete dias apenas,
Verieis, Monge, o que vale o vosso raciocinio,
Muito embora tivesseis devorado hontem
Os festins todos de meos trez mil annos !
Ora graças vos sejam dadas, santo Abbade,
Fizestes terminar a minha expiação.
Vosso pão era duro e seccos os vossos figos,
E dizer que o Danubio em suas ondas rolava
Ha dias muita carne fresca para os mares
E que suas agoas eram tintas do sangue romano.
Vivei, Rabbino, e continuae as vossas preces :
Um rei Godo cravou no peito de Valens
O Edicto com sua lança. Eis que Cezar é Deos.
Senhor me absolvei, de vós eu me despeço !
Tenho pressa de ir pairar sobre o Danubio !
Vós me haveis escutado, minhas culpas sabeis ;
Me absolvei, ó Mestre ! afim que sem demora
Nesse festim guerreiro eu tome o meo quinhão,
E do sangue dos bravos eu resurja
Robusto e altivo como em dias passados !
—Senhor Deos, que reinaes nas alturas celestes,
Dae-lhe, disse o Abbade, o descanso eterno ! —

O Corvo no ar abrio as suas phtysicas alas,
E tombou morto sobre os marmores monasticos.

Coritiba, 10 de Março de 1896.

JOÃO ITIBERÊ.

DENTRO DE UM SONHO

À memoria de Clotilde, morta quando a grinalda branca do noivado para logo lhe diademizaria a fronte resplandecente de mocidade e belleza.

A' tua Memoria astral, photographada indelevel na pupilla dos olhos da minha alma, esta saudosissima lembrança, que trago ao tumulo de marfim e ouro, onde repouzas para sempre morta, como violetas symbolicas, roxas como a minha existencia, viuva dos teos carinhos, depois que te partiste, la para o Nada da existencia Humana.

A lua como um extranho foco de luz electrica, suspenso da abobada azul de porcellana, derramava, n'uma profusão de sorrisos de luar, a claridade transparente e fina das suas lactecencias, envolvendo a payzagem merencoria do cemiterio em ruinas n'um longo sudario finissimo de prata, esbatendo nos tumulos esborcinados pela passagem profana do tempo, resteas tremulas de luz em agonia.

O silencio profundo, o grande silencio austero dos sepulchros, como um phantasma pavido dos seculos do castello feudal da morte, o seo longo manto esburacado, trapejando, ás vezes, ao sopro celere do vento que passava plangenciando uma soturna elegia de soluços.

Subito, em diversos pontos do cemiterio pirilampiarão luzes, como flores phantasticas que, brotando da terra, desabrochassem ao luar merencorio da noite, illuminando-o, como para uma festa tragica das mumias dos sepulchros.

Por meos olhos de allucinado do sonho, desfilou o cortejo tetrico dos espectros, n'uma impalpabilidade desesperadora de sombras.

Eu os via perfeitamente, nitidamente; no fundo de cada orbita vazia dos esqueletos havia ainda o fulgor sinistro de uma loucura accesa, boccas sem dentes escancaravam-se automaticamente, n'um sorriso sardonico de caveira, ossos rilhavam, desconjunctadamente.

E o cortejo desfilava lento, muito lento, por entre as ruínas dos tumulos.

O côro das mumias começara de entoar o requiem, grasiando gemidos entrecortados de exclamações finissimas, que feriam os ouvidos como ponta aguçada de punhal.

A lapide de um tumulo, amarellecido pela idade, onde chorava encarcerado ainda um dos convivas do festim da morte, rolou, partida como por encanto, e ergueo-se um esqueleto, e eu senti um grande e indescriptivel pavor até ahí não sentido; minhas carnes crispadas gelaram-se, mordidas por um arrepiamento de susto; o coração immobilizou-se, como uma mumia de pedra; fitei longamente com os meos olhos abertos, de vidente do sonho, aquella apparição espectral que se ergueira do abysmo do tumulo para a orgia feral dos esqueletos; fitei-a muito, n'uma insistencia hypnotisante de recordação; reconheci naquellas orbitas profundas e negras como cisternas os olhos vazios de Clotilde, morta quando a primavera esplendida do affecto, começava de florir nas nossas almas.

Sim, era Clotilde, aquella mesma Clotilde que por tanto tempo me embalou a existencia ao som do arpejamento suavissimo da barcarolla dos seos beijos longos, quentes de volupia, estonteantes do perfume mystico e indeffinivel, aspirado em sonho por *Belkiss*.

O cortejo dos espectros, dividido em alas, cruzava-se por entre os tumulos, n'uma extranha quadrilha macabra e pavorosa.

Corujas passavam, n'um tataral de azas negras, e se iam occultar nas concavidades abertas dos muros grossos e resistentes que quadrilavam o cemiterio. O canto cessara, as mumias acoradas junto á grande cruz negra, plantada no centro do cemiterio, silenciosas e tristes, escutavam da bocca esqueletica de Clotilde o psalmo de uma grande tristeza, de uma profunda e dolorosa revelação.

«Eu tive um unico amor, escutae; eu amei uma unica vez, e nunca tive vontades que não fossem as de meo amado; eu ria-me nos seos labios, chorava nos seos olhos.

«Um dia, no delirio da febre intensa, que me arrebatou até aqui, junto de vós, vi, atravez do pesadello das minhas dores e do meo immenso amor, Orlando, o meo sempre amado Orlando, beijando os labios rubros de outra mulher. Despertei tremula, nevrotisada de susto e de pavor, e vi, ah! delicia suprema, Orlando, debruçado sobre o meo rosto, com os labios juntos aos meos ouvidos, insensibilizados na abstracção dolorosa e afflicta d'aquelle pesadello, chamando-me, soluçando queixas magoa-

das, supplicas doloridas de carinhos nervosos de emoção, que se espalharam pelo pequeno espaço do meo quarto e por muito tempo cantaram a elegia funebre de uma invocação. Fitei-o cheio de arrependimento.

Depois não sei..... a minha agonia dupla desfalleceo minha razão.

Morri louca, com os olhos immensamente abertos. Eu amei uma unica vez, e esse amor, foi a Biblia onde sempre procurei conforto, nas minhas horas de tedio e de fraqueza. Nunca tive vontades que não fossem as de meo amado ; ria-me nos seos labios, chorava nos seos olhos.»

E o psalmo recitado por Clotilde parecia ter encontrado o echo da mesma angustia em os peitos vazios dos esqueletos, como se elle traduzisse a dor com que um dia a existencia os anathematizara.

E o côro das mumias se erguera repetindo: «eu ria nos seos labios, chorava nos seos olhos,» e o cortejo desfilou, estribilhando n'um rhythmo cadenciado «eu ria nos seos labios, chorava nos seos olhos.»

E este sonho que sonhei, ha tanto tempo, ainda me impressiona muito, muito; eu o tenho photographado eternamente na pupilla dos meos olhos. Esquecel-o? como? se Clotilde é a alma da minha alma, se eu jurei ante o seo cadaver, beijando os seos labios maculados pelo beijo impuro da morte, a eternidade para o nosso amor, tão casto, para o nosso amor, tão puro. Nunca ; esquecel-o ? nunca, nunca mais.

A lua como um foco de luz suspenso da abobada azul de porcellana, bruxoleava, esbatendo nos tumulos esborcinados pela passagem profana do tempo, resteas tremulas de luz em agonia.

JULIO PERNETTA



CARRO DE BOIS

Hòah ! pintado ! hòah, barroso, ei ! hòah !
Rin... ran... ren... ron... ron... ran... rin... rin.. ren... ran...
Alegre, e em bando, a passarada vò
Aos primeiros albores da manhan.

Tric, trac, zin ! tric, trac ! abre-se a porteira
Da fazenda, que vae á estrada dar ;
Lenço de chita á frente, a boiadeira
Toca os bois, de aguilhão. Põe-se a cantar.

Acompanham seo canto os passarinhos
Que a vão seguindo em festival rumor ;
Que alegria dourando esses caminhos
De pecegueiros e rosaes em flor !

Hòah, pintado ! hòah, barroso ! ei ! hòah !
Pára... Cansaço devem ter os dois :
Aos baldes, a agoa clara da lagò
Tira, e vae dando ao reforçados bois.

Caustica o sol. Mutucas vêm, em bando,
Farpear-lhes o dorso, e elles, então
Mugem, tranquillamente rabejando
Para enxotal-as... Que trabalho vão !

Recomeça a viagem. Uma poeira
Fina e vermelha para traz ficou.
Canta de novo a linda boiadeira :
Que anjo do céu a voz lhe modulou ?

Subito córa ; vê, laços nos tentos,
Montado no seo lépido alazão,
O moço, que lhe alinda os pensamentos,
O amado dono do seo coração.

Cortejam-se. Mudez. Onde os arpejos
Que o vento fere pelos mattagaes ?
Elle apeia-se. Abraçam-se ; e, entre beijos,
Juram que nunca hão de deixar-se mais...

LEONCIO CORREIA.

(Para as «Trovas do Sul»)

LES "ESQUIFES"

PAR

DARIO VELLOZO

Tout d'abord ces "ESQUIFES" ne contiennent nullement des cadavres, ils enserrent des rêves, de fugitives illusions, empreintes d'une philosophie de doute, très mélancolique, un peu fugitive et vague; et bien plus, comme l'indique le mot français, — ESQUIF — ce sont plutôt des barques légères qui voguent sur l'océan sans bornes de l'idéal.

Il faut classer Dario Vellozo parmi les torturés de la phrase, parmi les magiciens des mots, les alchimistes du style.

Du style, oui, il l'a, très pur, malgré la recherche des mots, malgré le travail de miniature de la phrase. On y sent aussi bien que l'étude, l'inspiration vraie, sans la spontanéité des improvisateurs de paroles vaines, cependant. Il travaille selon la formule de l'art scientifique. Si la phrase jaillit claire, nette, heureuse, elle est bonne; du contraire on la polit, on y retranche, on y ajoute, on lime ce métal où se gravent les pensées et les sensations. En dernière analyse, quant au style c'est un orfèvre capable de toutes les beautés et aussi de toutes les étrangetés.

Sur le même vase où se trouvent correctement sculptés des corps et des figures d'une irréprochable pureté de lignes et d'expression, il y a des monstres inquiétants et barbaresques mais où l'on sent malgré tout la main de l'artiste qui les pétrit, peut être pour manifester l'incompréhensible de certaines idées par trop fuyantes et que les mots sont incapables d'exprimer et même d'y atteindre, fusse imparfaitement.

J'apporte toute ma rude franchise en matière de critique pour caractériser, dans son vrai jour, l'auteur des "ESQUIFES".

A côté d'images les mieux réussies, frappantes par la beauté analogique ou par la mystérieuse affinité, quelques unes d'un vague troublant, fuyantes comme une éclaircie subite, une échancrure opaline sur un ciel de ténèbres.

Ce n'est pas un conteur, dans la vraie acception du mot que Dario Vellozo. C'est toujours le poète qui domine chez lui ; il écrit presque toujours en prose comme il écrirait en vers. Ses phrases sont plutôt rythmées que courantes ; elles ont l'ampleur de la poésie et non pas l'élasticité de la prose.

Mais, dira-t-on, c'est un défaut cela ! Et pourquoi sera-ce un défaut si c'est sa manière personnelle de voir, si c'est là son originalité et, après tout, qui s'en plaindrait si la lecture en est agréable et savoureuse ainsi qu'un fruit inconnu de lointains pays ?

Partant, ces contes ou ces poèmes — au choix — imprégnés d'une philosophie tant soit peu fataliste, d'un peu de doute aussi, où il y a des pages d'ingénuité et d'innocence, des pages d'une mélancolique simplicité de sentiments à côté de pages farouches, pleines de tortures et de nihilisme intransigeant, nous donnent une impression forte, montrent l'artiste consciencieux, l'écrivain imbu de principes rigoureux puisés dans l'étude approfondie et non pas superficielle des sciences naturelles et philosophiques, le poète à l'envergure puissante, aux vers irréprochables de forme, à la philosophie transcendante qui se révèle dans l'« ÂME PÉNITENTE », un Poème inédit.

Ses « ESQUIFES » ne voguent pas toujours sur les océans d'azur, aux tranquilles ondes à peine moutonnantes, comme dans « *Miragens* » — « *Estrelas duplas* » — « *Madrigaes* » — « *O atalho* » — « *Dedicação* » — ; ils voguent aussi sur les océans en révolte, aux tragiques ondes dévoratrices, comme dans — « *O Retrato* » — « *Satanica* » — « *Sonho de um Espectro* » — « *Nihil* » ; ce qui prouve que l'Esquif est solide et affronte avec hardiesse n'importe quelle mer, celle de saphir ou celle de ténèbres.

Coritiba, — 8 — 40 — 96.

JEAN ITIBERÉ.

CANTILENAS

A Gonzaga Duque.

I

Os teos olhos são feitos de luar,
E o ceo, sorrindo n'um rendilhamento
Sonoro de astros, põe-se a meditar
N'esses teos olhos, com deslumbramento,
Feitos de estrellas, lyrios do luar.

II

Olhos de imagem, olhos de oração,
N'um mysticismo eterno de saudade,
Olhos que o ceo contempla da amplidão,
Cheio do tédio da infelicidade
Por não possuir teos olhos de oração.

III

Olhos que têm fluidos de ternura,
Olhos que fazem tantos desgraçados,
Olhos que os astros da infinita altura
Contemplam pasmos e maravilhados...
Olhos que têm fluidos de ternura.

IV

Olhos que têm a dor perolisada,
— Branco Missal das minhas devoções.
Quanta tristeza, sancta ciliciada,
N'esses teos olhos de constellações
Onde soluça a dor perolisada !

JULIO PERNETTA.

JERUZALEM

DE

PIERRE LOTI

(Traducção do "Cenaculo")

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 92)

E deste modo sepultou Abraham à Sara, sua mulher, na caverna dos dous covatos do campo, a qual olhava para Mambre. Esta é Hebron na terra de Canaan.

(Genesis, XXIII, 19).

Mal deixamos a penumbra das estreitas ruas abobadadas, doura-nos a mesma luz serenissima da tarde ao chegar á mesquita de Abraham. Esta se ergue a meio da collina que se abre profundamente para recebê-la, protegendo de sua sombra austera e lugubre o mysterio da dupla caverna de Macpelah, onde com seos filhos repouza o patriarcha, ha cerca de quatro mil annos.

A caverna, comprada, por quatrocentos siclos de prata a Ephron Hetheo, filho de Seor !... Os Cruzados foram os ultimos que alli desceram, e nemhuma narrativa se possui mais recente á de Antonino, o Martyr (VI seculo). Hoje, é vedada a entrada mesmo aos musulmanos. Quanto a christãos e judeos, nem sequer lhes é dado penetrar em a mesquita ; não o conseguiriam nem com empenhos, astucia ou ouro ; — e, ha, talvez, vinte annos, quando a abriram ao principe de Galles, por ordem formal do sultão, a população do Hebron esteve prestes a revoltar-se.

Aos viajantes é permittido apenas girarem em torno desse logar sancto, seguindo invio atalho, apertado entre altas muralhas. A base do monumento é toda de pedras collossaes, de aspecto cyclopico, e foi construida pelo rei David, para honrar magnificamente o tumulo do pae dos Hebreos ; este primeiro recinto, de duração quasi eterna, tinha quiçá dous mil annos

quando os Arabes o elevaram mais, ameiando-o, como se o vê na mesquita actual, já tão vetusta.

Ha, quasi rente ao solo, uma fenda pela qual se permite aos christãos e judeos passar a cabeça, arrastando-se, para beijar as sagradas louzas. E, esta tarde, pobres peregrinos israelitas alli estão, prosternados, alongando o pescoço como raposas que se entocam, tentando beijar o tumulo ancestral; emquanto creanças arabes, encantadoras e trocistas, ás quaes não é vedada a entrada em o recinto, os fitam, sorrindo desdenhosamente. As paredes e bordas das fendas teem sido roçadas, ha tantos seculos, por tantas mãos, tantas cabeças, tantas cabelleiras, que reluzem, polidas e engorduradas. De resto, as grandes pedras todas do recinto de David luzem tambem, oleosas, pelo continuado rocegar humano; é que esse logar é um dos mais antigos daquelles que os homens ainda veneram, e, em tempo algum, deixaram de alli ir e alli rezar.

O atalho, subindo a collina, passa em certo ponto, acima do sanctuario: então a vista mergulha, entre os muros sagrados, nos trez minaretes que indicam o tumulo dos trez patriarchas; o minarete do centro, que, parece, sobrepuja o tumulo de Abraham, é informe como um rochedo, sob camadas de cal amontoadas, e termina por um colossal crescente de bronze.

E' aqui o «campo que olha Mambre»; a *silhouette*, pouco mais ou menos immutavel, das collinas fronteiras devia ser a mesma em o dia em que Abraham comprou a Ephron, filho de Seor, este logar de sepultura. Observando o que se passa, em nossos dias, entre os pastores simples e graves das campinas circumvizinhas, pode-se para logo reconstituir o scenario deste mercado (Genesis XXIII, 16) e o enterramento do patriarcha (Genesis, XXV, 9); Abraham de certo se parecia muito aos chefes do valle de Beit-Djibrin ou das planicieis de Gaza. Subito, o passado sombrio das edades remotas se desvanece como um nevoeiro que se adelgaça e evola; e sentimos subir do abysmo a visão dos tempos biblicos, á luz desfallecente do dia...

«Sepultae-me com meos paes na cova de dous compartimentos que está no campo de Efron Hetheo, — óra Jacob, moribundo em o Egypto, — alli sepultaram á Abraham e á Sara, sua mulher; alli foi sepultado Izaac com sua mulher Rebecca; e alli jaz tambem enterrada Lia. (Genesis, XLIX, 29, 31)

Facto bem por certo unico em os annaes dos mortos: esta sepultura, primitivamente tão simples, que os reunio a todos, tem sido venerada, em todas as epochas da Historia, — quando os mais sumptuosos tumulos do Egypto e da Grecia estão de ha

.....

muito profanados e vãos. Provavelmente mesmo, os patriarchas continuarão a dormir em paz durante longos seculos ainda, respeitados por milhões de christãos, musulmanos e judeos.

*
* *

Ainda á luz crepuscular voltamos a nossas tendas á margem da estrada. Então, desfila ante nós o que reentra dos campos, ao cahir da noite: lavradores, nobres e bellos, caminhando envoltos em fluctuantes vestes archaicas; pastores, montados bizarramente na trazeira de jumentos; bestas de carga e rebanhos de toda especie, em que predominam as cabras negras, de longas orelhas que quasi arrastam na poeira.

Fronteiro, do outro lado do caminho, murmura uma fonte, por certo mui sancta, pois toda uma extraordinaria multidão de homens e creanças alli vae, com longas prosternações, rezar a prece da tarde.

*
* *

Noite bulhenta como em Gaza; latidos de cães perambulos; tilintar dos sincerros de nossos muares; relinchos de nossos cavallos, retidos pelo cabresto a oliveiras vetustas, junto de nossas tendas; — e, do alto das mesquitas, cantos longinquos e amenos, que muezzins inspirados deixam cahir sobre a terra...

IV

Quarta-feira, 28 de Março.

Erguemo-nos á hora matutina e fresca em que os pastores do Hebron levam ao campo os rebanhos. Levantado o acampamento, cavalgamos entre o tumultuar de um rebanho negro de cabras e cabritos que se vão errar ao longe sobre as rochosas collinas.

Vamos, por tranquilla madrugada limpida, embalsamada de hortelan e outros aromas selvagens, caminho de Bethléem, onde chegaremos ás duas ou trez horas, seguindo destrahidamente, em ductil inconsciencia, esquecida por instantes a noção dos logares que atravessamos. A planicie lembra aridas regiões da Provença ou da Italia, sempre com seos milhares de murosinhos encerrando videiras ou oliveiras enfezadas. E, alem disso, esta longa estrada carroçavel que nos miscibiliza as ideas; e com a qual ainda não nos foi possivel rehabituar ainda, neste paiz primitivo de legenda e de sonho. Emfim, distraem-nos estas nossas vestes arabes, que hoje vestimos pela ultima vez — e mystificam dous bandos de *touristes* das agencias, a caminho do Hebron: e, emquanto nos olham elles como a grandes cheiks,

seo guia syrio lhes explica somos, *Moghrabis*, isto é, homens do vago Moghreb (Occidente) que, para os Arabes da Palestina, começa no Egypto e termina em Marrocos. Com effeito, nesta parte do deserto, não se uzam os enormes veos de lan branca que nos envolvem, e para logo designam os raros peregrinos de distincção vindos dos paizes occidentaes.

Nosso retrahimento, nosso dulcido recolhimento espiritual, amalgamado em as precedentes soledades, se desvanece por momentos, com o reapparecer dos viajantes modernos e dos carros. Despertados a nosso extraordinario sonho ingenuo, cahidos de tão alto, nos tornamos apenas simples «Cook,» com o aggravamento de nosso disfarce, por phantasia pueril que subito nos vexa.

*
* *

Entretanto, a planicie, pouco a pouco, se reimpregna de melancholia especial e profunda !... O vinhedo, as oliveiras, os murositos desappareceram; apenas tojos e pedras, e, aqui e alli, abroteas, sementeiras de anemonas rubras ou de cyclames roseos. O ceo velado por nevoeiro de um cinzento de perola, mui delicado, mui diaphano, porem tendendo a condensar-se; e a luz amortece. A hora de cruzar os raros *touristes*, que fazem Hebron actualmente, passou; e só encontraremos agora extensas filas de lentos camelos, ou grupos de Arabes a cavallo, bellos e graves, trocando o salâm comnosco.

A luz vae amorticendo sempre, sob este nevoeiro condensado que não é nuvem, nem bruma ordinaria, nem fumo; porem algo de mui particular, como o envolver das visões doces.

De espaço a espaço, grandes ruinas, mutiladas, incompreensiveis, erectas e altas, olhando ao longe o morno abandono desta Judea, outrora ponto de mira das nações.

E, agora, pedras somente; os ultimos tojos desappareceram; solo de pedras, sobre o qual grandes blocos destacados jazem ou se elevam. E, neste paiz tão remoto, mal se distinguem os verdadeiros rochedos dos destroços de construcções humanas, restos de egrejas ou de fortes, comoros funerarios ou tumulos, completando a montanha. De distancia em distancia, semi-obstruidas, semi-soterradas, surgem portas de sepulchros, á margem desta estrada — que calvagamos pensativos e de novo embevecidos, num recolhimento de invocações, penetrados de não sei que excessivamente indizivel receio, á vista destes logares que ainda se chamam Bethleém e Jeruzalem...

(Continúa)

IDEAL POZITIVISTA

Sobre a Morte de Aug. Comte, a 5 de Guttemberg de 108—5 (9—96)

Offerecido à D. Helena Costard.

Desliza o mar da vida, calmamente
Sobre a margem : — gracil, loura creança,
Brinca, alegre e feliz ; e, mais ardente,
Pulsa-lhe o coração, que, da esperança

Bellas payzagens lhe dezenha á mente;
Do rosicler da aurora desce mansa,
Doce canção de amor, suavemente,
Annunciando intermina bonança.

Eis a imagem perfeita do futuro :
O mar calmo e sereno — a paz humana ;
A creança — o porvir, limpidø e puro ;

A mulher — uma Deosa, eterna luz
Sanctificada pelo Bem, que, ufana,
Vae sobre os homens derramando a flux !

Coritiba, 20 — 9 — 96.

EUCLIDES PLAISANT.



RESPIGAS — Em o proximo fasciculo daremos noticia dos seguintes opusculos, que gentilmente nos foram remettidos :

A' Fóz do Iguassú, — do Snr. Muricy.
Aggravo, — do Dr. Azevedo Macedo.
Alzira, — de João de Tapitanga.
A Arte, — revista litteraria, Portugueza.

Condições de assignatura

O CENACULO é publicado mensalmente, em fasciculos de 32 paginas.

6 fasciculos (um semestre) constituem um tomo.

A Redacção compromette-se a não suspender a publicação do CENACULO sem deixar completo o tomo encetado. Em caso de força maior, além da boa vontade da Redacção, será restituída aos Srs. Assignantes, pelo Thezoureiro do CENACULO, a importancia dos fasciculos não publicados.

O CENACULO acceita assignaturas relativas apenas a um semestre.

Preço da assignatura :

Semestre	6\$000
----------	--------

As assignaturas podem ser tomadas em qualquer tempo, terminando sempre em 30 de Junho e 31 de Dezembro.

O Assignante terá direito aos numeros atrasados, pertencentes ao semestre.

Venda avulsa :

Fasciculo	1\$500
Fasciculo de mezes atrasados	2\$000

EXPEDIENTE

O CENACULO acceita com prazer a collaboração dos estudiosos.

Cartigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

A revisão das provas typographicas fica exclusivamente a cargo da redacção.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a

RUA SILVA JARDIM, N. 108

O CENACULO acha-se á venda nas Livrarias da Capital.